

FRANCISCO DE PAULA MENESES

discursos: 1848 e 1853

Roberto Acízelo de Souza*
UERJ

RESUMO

Francisco de Paula Meneses (1811-1857), médico e professor de retórica e poética no Colégio Pedro II, foi um dos primeiros mestres a lecionar literatura brasileira, nas décadas de 1840 e 1850. Os discursos ora reproduzidos foram pronunciados por ocasião das solenidades de colação de grau dos bacharéis de 1848 e 1853. No primeiro, defende concepções românticas então na ordem do dia, sobretudo a natureza institucional da literatura e seu vínculo constitutivo com as sociedades nacionais, propondo-se demonstrar genericamente “a influência das letras sobre o estado moral e social de um povo”. No segundo, empreende a defesa do que chama “método histórico” – de preferência ao “dogmático” – no ensino das literaturas modernas em geral e da nossa em particular, o que lhe fornece ocasião para considerações crítico-historiográficas sobre escritores brasileiros da época colonial, com relevo para Cláudio Manuel da Costa, Basílio da Gama e Santa Rita Durão.

PALAVRAS-CHAVE

História da Literatura Brasileira, Ensino de Literatura Brasileira, Francisco de Paula Meneses.

Francisco de Paula Meneses ** nasceu em Niterói, em 1811, filho de José Antunes de Meneses, não tendo sido possível encontrar informações sobre o nome de sua mãe e sobre seus primeiros estudos. Ingressando na Academia de Belas-Artes do Rio de Janeiro por vontade do pai, teria concluído o curso (cf. Blake, 1895, v. 3, p. 77) – ou o abandonado, segundo outra fonte (cf. Paranhos, 1937, v. 1, p. 267) – em 1834, ano em que se matriculou na Faculdade de Medicina da mesma cidade, onde se formou em 1838. Nos anos de 1839 e 1840, fez concurso, sem êxito, para professor substituto da seção de cirurgia da Faculdade onde se graduara, e como médico participou em missões de socorro às vítimas de “febres

* Edição, apresentação e notas.

** Agradeço muito especialmente a José Américo Miranda, na verdade co-autor dessa matéria, pois, além de me ter cedido o texto digitado do discurso de 1853, fez diversas sugestões relativas à apresentação e às notas, todas incorporadas à versão final.

perniciosas” (na vila de Santo Antônio de Sá, onde teria contraído enfermidade que o debilitaria para o resto da vida, provocando sua morte prematura) e do cólera-morbo, tendo também exercido o cargo de cirurgião do Primeiro Batalhão da Guarda Nacional e, depois, da Artilharia daquela mesma corporação. No magistério, nomeado pelo governo imperial, atuou como lente de retórica do município da corte – a cidade do Rio de Janeiro – (1844) e do Colégio Pedro II (1848), estabelecimento em que sucedeu a Santiago Nunes Ribeiro (morto no ano anterior) na cátedra de retórica e poética, e onde interinamente também lecionou filosofia. Entre suas atividades figuram ainda: participação em diversas instituições (Sociedade Auxiliadora da Indústria, Academia Filomática do Rio de Janeiro, Conservatório Dramático, Academia Imperial de Medicina, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sendo que nesta última chegou ao cargo de secretário); fundação, em 1856, da *Revista Brasileira* (jornal de literatura, teatro e indústria), primeiro periódico com este nome, do qual saiu apenas o número 1, constituído quase exclusivamente por escritos do próprio fundador; colaboração em periódicos (*Anais Brasileiros de Medicina*, *Revista Médica Brasileira*, *Revista Literária*, *Brasil Ilustrado*, *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*). Morreu em 1857, na cidade do Rio de Janeiro.

Sua obra, além da colaboração em periódicos (constituída por artigos sobre medicina, memórias históricas, poemas), consta dos seguintes títulos: *Coincidência das moléstias do coração com as do fígado* (tese; sem data); *Proposições sobre a degeneração cancerosa em geral ou osteossarcoma e suas diversas formas* (tese; 1839); *Dos abscessos subperitoniais* (tese; 1840), *Discurso biográfico-necrológico* (1841), *Discurso sobre a importância da cirurgia militar* (1842); *Discurso recitado na augusta presença de sua majestade o imperador Pedro II, por ocasião da distribuição dos prêmios e colação do grau de bacharel em letras, no Imperial Colégio de Pedro II* (1848); *Discurso recitado na augusta presença de suas majestades, por ocasião da distribuição dos prêmios e colação do grau de bacharel em letras, no Imperial Colégio de Pedro II* (1853); *Nova retórica de J. Vict. Le Clerc* (“traduzida e acomodada para o ensino da mocidade brasileira”, 1856); *Lúcia Miranda* (tragédia em versos, inédita, sem data); *A noite de São João na roça* (comédia, inédita, sem data). Deve ser mencionado ainda um texto intitulado “Quadros da literatura brasileira”, que parece perdido,¹ e acerca do qual encontramos a seguinte informação: “Sei que é um trabalho importante e o autor concluía a última parte quando faleceu” (Blake, 1895, v. 3, p. 78).

Poucos estudos fazem referência à contribuição do autor, embora Sílvio Romero e José Veríssimo lhe tenham creditado certo merecimento, mesmo citando-o apenas uma vez nos seus respectivos históricos da crítica literária brasileira: o primeiro, depois de relacionar num parágrafo os precursores da crítica no Brasil, encerra a lista com uma fórmula de reconhecimento: “[...] cumprindo não esquecer o nome de Francisco de Paula Meneses.” (1954 [1911], v. 5, p. 1980); e o segundo inicia por ele a relação daqueles que, “com certa assiduidade e algum mérito” (1969 [1916], p. 273), se seguiram aos primeiros românticos na prática da crítica.

¹ Pelo menos é o que faz crer a busca por nós empreendida, inclusive nos setores de manuscritos, nas seguintes instituições: Biblioteca Nacional, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Arquivo Nacional e Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II.

Joaquim Norberto, por sua vez, se detém mais no comentário de suas posições como crítico, destacando-lhe o pioneirismo no estudo e ensino da literatura brasileira:

Com bastante proveito deu-se o Dr. Paula Meneses ao estudo da nossa literatura; nem era de esperar de seu amor da pátria e de seu zelo pelas nossas coisas que, ocupando um lugar tão distinto no magistério público, não a elevasse à honra de ser lecionada aos seus compatriotas em um curso público, e que não se ocupasse ainda dela nas solenidades escolásticas em que o preceito regimental o tornava órgão de seus colegas. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro apreciou a sua memória no desenvolvimento do programa que S. M. I. se dignou de lhe dar: “O estudo e imitação dos poetas românticos promove ou impede o desenvolvimento da poesia nacional?”, que é para sentir que ainda não tenha visto a luz da publicação nas páginas da *Revista trimensal*, sendo ela, já pelo estilo brilhante, já pela crítica ilustrada de seu autor, verdadeiro juiz na matéria, pelo comércio que mantinha com as musas, [...] mui digna de ser consultada nesse pouco que temos relativamente à nossa literatura, que aí vai abrindo as suas amplas asas no espaço imenso que se alarga agora a seus dourados vôos” (Silva, 2002 [1859], p. 61-62).

O trecho citado dá margem a alguns comentários. Em primeiro lugar, esclareça-se que a palavra “órgão”, no contexto, significa “meio”, “pessoa que serve de intermediário”, “representante”, “porta-voz”; é que, conforme o regimento do Colégio Pedro II, cabia ao catedrático de retórica discursar nas cerimônias oficiais. Em segundo lugar, observe-se que a afirmação segundo a qual Paula Meneses lecionava literatura brasileira em curso público – e isso entre 1844 (ano de sua admissão no magistério) e 1857 (ano de sua morte) – constitui testemunho histórico congruente com a qualificação do autor constante da folha de rosto de sua tradução adaptada da *Nova retórica* de Le Clerc (1856): “Professor público de Retórica e Poética nesta Corte, de Retórica e *Literatura Nacional* no Imperial Colégio Pedro 2º” (grifo nosso). No entanto, esse mesmo testemunho entra em contradição com a documentação disponível sobre o sistema curricular do Colégio Pedro II (que então servia de modelo para todas as escolas do País), que só a partir de 1862 contará com disciplina chamada “literatura nacional” (cf. Souza, 1999, p. 32-37, passim). Tal contradição pode significar que Paula Meneses, na sua prática de professor, independentemente de prescrições regulamentares, ampliasse nos programas o pequeno espaço reservado à literatura brasileira nos conteúdos previstos para as matérias retórica e poética, as duas únicas disciplinas literárias integrantes do currículo até 1861. Finalmente, assinala-se que, segundo apuramos, o tal programa proposto pelo imperador Pedro II no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e desenvolvido por Paula Meneses – “O estudo e imitação dos poetas românticos promove ou impede o desenvolvimento da poesia nacional?” – não chegou a ser publicado na *Revista Trimensal* daquela instituição, e tampouco em qualquer outro veículo, segundo tudo indica.

Por fim, Haroldo Paranhos encerra o reduzido número dos que lhe estudaram a obra, dedicando-lhe um capítulo de seu livro, no qual aprecia generosamente as várias faces da atuação intelectual do autor: “[...] dotado de uma eloquência brilhante e grande facilidade de transmitir os seus pensamentos, era um dos professores mais queridos e freqüentados do Rio de Janeiro.” (1937, v. 1, p. 267); como poeta, “poderia melhor dar largas a uma imaginação viva e ardente” (ibid., p. 269), mas se conservou preso “aos moldes das manias laudatórias” (ibid., p. 269) e “aos processos da velha poética portuguesa” (ibid., p. 270); como dramaturgo, ter-se-ia integrado ao movimento pelo teatro nacional deflagrado por Martins Pena,

Gonçalves de Magalhães e João Caetano (ibid., p. 272). Quanto à sua contribuição aos estudos literários, talvez pensando em vagos prenúncios de existência duvidosa ou precária – nos jamais encontrados “Quadros da literatura brasileira”, bem como na memória em que, segundo Norberto, glosou o mote dado pelo imperador no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ao que parece volatilizada na instantaneidade de sua apresentação oral (cf. Machado, 2001, p. 90) –, Paranhos carrega na “vida [...] que poderia ter sido e que não foi”: “É lamentável que seus trabalhos clínicos e do magistério não lhe houvessem deixado tempo para se dedicar às letras com mais interesse, pois o moço fluminense era uma decidida vocação literária especialmente voltada para os estudos de erudição [...]” (1937, v. 1, p. 268-269); “Teria dado um bom historiador da literatura nacional se houvesse perlustrado com paciência e abnegação esta floresta ingrata, da qual nem todos voltam com felicidade” (ibid., p. 270).

Virtualidades à parte, contudo, o que concretamente constitui a parcela do autor na nossa historiografia literária oitocentista consiste nos dois discursos a seguir transcritos, que proferiu, conforme o regimento do Colégio Pedro II, na condição de catedrático de retórica e poética daquela instituição (cf. Silva, 2002 [1859], p. 61; Dória, 1937, p. 74 e 99). Pronunciados respectivamente por ocasião das solenidades de colação de grau dos bacharéis das turmas de 1848 e 1853 (assinale-se que tais cerimônias tinham então alta importância, de que é indício o fato de contarem com a presença sistemática do imperador), trata-se, como é compreensível, de peças típicas da oratória acadêmica do tempo, nas quais, entretanto, a louvação de Dom Pedro II parece apresentar-se em tom superlativo mesmo para os padrões da época, o que de resto se observa também na dedicatória estampada na sua versão da *Nova retórica de Le Clerc* (1856), concluída com os seguintes dizeres: “Beija agradecido a Augusta mão de Vossa Majestade seu devotado, submisso e reverente súdito Francisco de Paula Meneses” (p. IV). Quanto ao conteúdo conceitual, os discursos documentam bem a formação do autor: sem se desvencilhar inteiramente de princípios clássicos – especialmente, a idéia de história como repertório de exemplos e o absolutismo da verdade –, defendem concepções românticas então na ordem do dia, sobretudo a natureza institucional da literatura e seu vínculo constitutivo com as sociedades nacionais. Assim, o discurso de 1848 se propõe demonstrar genericamente “a influência das letras sobre o estado moral e social de um povo”, para concluir pela necessidade de o poder público protegê-las, o que no caso das “letras pátrias” se realizaria, entre outras iniciativas, pelo patrocínio do imperador ao Colégio Pedro II; o de 1853, por seu turno, empreende a defesa do que chama “método histórico” – de preferência ao “dogmático” – no ensino das literaturas modernas em geral e da nossa em particular, o que lhe fornece ocasião para considerações crítico-historiográficas sobre escritores brasileiros da época colonial, com relevo para Cláudio Manuel da Costa, Basílio da Gama e Santa Rita Durão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1895. v. 3.
- DÓRIA, Escragnolle. *Memória histórica comemorativa do 1º centenário do Colégio de Pedro II* (2 de dezembro de 1837 – 2 de dezembro de 1937). Rio de Janeiro: Ministério da Educação, [1937].
- LE CLERC, J. Vict. *Nova retórica*; traduzida e acomodada para o ensino da mocidade brasileira pelo Dr. Francisco de Paula Meneses. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1856.
- MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.
- PARANHOS, Haroldo. *História do romantismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Cultura Brasileira, 1937. 2v.
- ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954 [1888]. v. 5.
- SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. *História da literatura brasileira; e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Zé Mário Ed. / Fundação Biblioteca Nacional, 2002.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. *O império da eloqüência; retórica e poética no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: Eduerj; Niterói: Eduff, 1999.
- VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969 [1916].

DISCURSO*

(1848)

Senhor:

Fora absurdo pretender anular a legítima influência das letras no vasto drama da vida das nações; fora mentido zelo por uma realidade estéril tentar de novo reduzir a mesquinhas proporções o poderio da inteligência humana sobre o grande fato do aperfeiçoamento social; pois que longe vão já os séculos em que, escurecidos os lumes da razão pelas trevas do erro ao lúgubre som de pesadas algemas que aviltavam a dignidade da espécie humana, se alevantaram muralhas de bronze às justas pretensões da inteligência.

A vida do homem não se limita a puras concepções do espírito; não: há ainda mister que essas concepções se realizem, que seu ideal se concrete e encarne nas instituições e nas diferentes formas sociais. Se vão algumas vezes estas caminho de seu aperfeiçoamento independentes e isoladas, é porque a vida que transmitida lhe fora pelo pensamento que elas representavam é ainda inteira e cabal para os necessários movimentos da harmonia. Porém, quando chega uma dessas crises em que suas instituições envelhecidas e gastas pelo contínuo roçar dos séculos começam a despenhar-se, então a inteligência, acudindo pela humanidade, que em grita desfeita a reclama, toma posição no meio das ruínas, e uma nova época renasce por seus vigorosos esforços. Assim, é no seio destas transformações sociais e políticas, é no momento destas grandes reconstruções por que passam à uma² todas as associações que pode-se bem enxergar a ação e poderio que sobre elas efetuam as letras.

Nem me admira que, com o ser isto cousa tão averiguada, a tenham tantos séculos desconhecido de importante, se nos advertirmos que há fatos de natureza tão complexa, se não sublime, que se furtam às indagações de avisados filósofos, porque, como certos fatos da ordem física, têm eles sua perspectiva própria: a grande proximidade, como a grande distância, mal se dão com sua verdadeira natureza. Tais são os fatos da ordem moral, em que, sendo sensível o dedo de Deus, por tal forma ensombrado se conserva que só aos olhos de um engenheiro experto e de uma razão esclarecida sói patentear-se.

Quando Roma, esse colosso que simbolizara por tantos tempos a civilização antiga, sustinha ainda nas frouxas mãos de seus imperadores sua glória prestes a apagar-se, uma crença poderosa e santa, a religião do Crucificado, arrebatava a espécie humana à barbaridade de uma geração que, feita pedaços, ia, de vilipêndio em vilipêndio, abismar-se e sumir-se nas voragens dos incêndios ateados pela bruteza dessa outra raça, tola força e tola energia. Esta religião, Senhor, que ensinara primeiro ao homem que ele era livre, dois mil anos mais tarde, carregada dos despojos de tantos combates e cercada de toda a sua glória, veio dizer às sociedades: “Reformarei vossas instituições velhas e apodrecidas, e as moldarei à feição de meus princípios.” É então, ao passo que o enfraquecido império buscava contrastar com o

* *Discurso recitado na augusta presença de sua majestade o imperador, por ocasião da distribuição dos prêmios e colação do grau de bacharel em letras do Imperial Colégio de Pedro 2º, no dia 15 de dezembro do corrente ano, pelo Dr. Francisco de Paula Meneses, professor de retórica no mesmo Colégio.* Rio de Janeiro: Tip. do Diário, de N. L. Viana, 1848.

² A expressão “à uma” significa “ao mesmo tempo”, “simultaneamente”, “juntamente”.

melhoramento de suas formas sociais, com o prestigioso aparato de suas escolas o vigor das conquistas e o espírito do Cristianismo, esta nova crença lhe derrubava dos altares seus falsos deuses, e erguia, no meio das perseguições e dos martírios, o culto que devia um dia selar a felicidade humana. Era porque a alma, a espiritualidade tinha abandonado a antiga associação, que definhava como a planta em terra fraca e sem viço; era porque a fé havia desacompanhado os manejos da política.

O homem, aguilhoado pelos instintos de sua superioridade, não pode sentir engrandecer-se sua força intelectual, nem enriquecer-se de alguma idéia grande e generosa, sem que a impaciência de realizá-la fora de si o não inquiete. Assim que, constantemente impellido por um poder que ele desconhece, é levado a imprimir nas formas sólidas e duradouras das instituições sociais as sublimes formas de seus pensamentos e de suas idéias.

Certo que deve ajuizar-se do que levamos dito que é para nós a inteligência uma potência, uma força a que não lhe fazem vantagem todas as forças conhecidas, e que lhe são armas e móvel da ação as letras e as ciências.

É pelas idéias que chega o homem a pôr por obra a realidade de sua missão na terra; é por sua instrução que poderá obter um povo o grau de civilização a que atingem as nações que dão ao cultivo de seu espírito toda a atenção e desvelo que reclama esta preciosa condição da felicidade pública.

Neste ensaio, Senhor, em que intento provar a legítima influência das letras sobre o estado moral e social de um povo, força me será talvez subir a grandes alturas para descortinar o alcance do passado; descerei porém rápido, e, passando entre os fatos mais salientes que me servirão de provas, tão prestes como terei subido tratarei de estabelecer a verdade dessa imensa síntese. Com o ser grande minha fiança na ventura dos arrojados e destemidos, não é porém tanta que me faça deslembrar que vou falar diante de um ilustrado e escolhido auditório a que³ preside um Príncipe, que tão lido é em todas as doutrinas. Seria imperdoável falta minha, Senhor, se não prevenisse em tempo que nada poderei eu fazer mais que descair em cousas de pouca monta, discorrendo em um assunto de tão subido quilate. Não irei porém sem fanal em tal empresa, porque me alumiará a fulgurante sabedoria de V. M. com os resplandores desse trono que é todo bondade e todo amor; daí me virão inspirações, que me desacompanharam na feitura de meu trabalho. E se não peço de antemão indulgência para meus erros, indulto para minhas faltas, é porque seria revoltante ingratidão, Senhor, o pôr em dúvida a proverbial bondade de V. M., que sempre com tão distinto e não merecido favor me tem honrado, prestando-me benigna atenção.

Poderíamos, colocando-nos no meio dessas antigas sociedades do mundo, de que mais de dezenove séculos nos afastam, achar a influência das letras sobre a civilização e felicidade desses povos, e, interrogando o testemunho de suas épocas florescentes e gloriosas, ir encontrar o espírito e forma de sua literatura, a grandeza de suas inspirações, o entusiasmo de sua poesia com a simplicidade de exposição, espelhadas na forma simples e inalterável de suas instituições políticas e religiosas,⁴ a moral de seus filósofos, impressa em seus costumes, a

³ No texto-fonte, “quem”.

⁴ No texto-fonte, ponto final, a que se segue novo período: “A moral...”. Não achando razões sintáticas para tal pontuação, substituímos o ponto por vírgula, transformando assim o que era a frase seguinte em parte deste período.

poesia santificando a fatalidade de suas crenças, a forma teocrática destas associações, mantendo-se inabalável no meio da geral escravidão de todas as inteligências. A Grécia, ponto de partida da moderna civilização, nos apresenta na história de seu povo tão poético e harmônico, em cada época de sua glória, o desenvolvimento intelectual e material caracterizado por um homem notável, que deixou sobre ela, como impressa, sua distinta individualidade. Platão e Homero, dando seu vasto gênio às suas composições, mais ilustraram e enobreceram a Grécia que as sábias leis e instituições de Sólon. Um Pisístrato pode, Senhor, destruir as leis deste e entregá-las ao esquecimento de sua pátria, porém a epopéia de um Homero eletrizava ainda a alma do grego, e o convidava, muitos anos depois, à glória e ao triunfo! Era de mister manter assegurada no entusiasmo do coração esta forma de governo político, que nivelava⁵ o povo com seus heróis. Aristófanes ataca todas as reputações e desfaz o prestígio das altas dignidades. E não deve causar estranheza que esse povo assim consentisse no aviltamento de tantos heróis, quando ele próprio se deixava vilipendiar por um segredo destas naturezas todas excepcionais e artísticas. Sófocles e Eurípides nas lágrimas da piedade e nos sobressaltos do terror depuram as paixões do povo, e com a história do infortúnio dos reis, animada pelos acentos de sua divina poesia, fazem-no amar e venerar as virtudes. A filosofia vagueia, e algumas vezes, com o baixel impelido pela cólera das ondas, vai sobre escolhos espedaçar-se; assim que, cética ou sofística, baloiça ela incerta e cavilosa! Porém aparece um Sócrates, sobre cuja cabeça arrolarão⁶ tempestades, estalarão trovões, e que impávido, como se fora o gênio das tormentas, idealiza no meio da corrupção dos homens, aniquila a todos esses imbecis, pressagia a verdadeira filosofia, e por amor da verdade bebe, na calma de uma consciência tranqüila, como a alma cândida da virgem, a fatal cicuta; porém a causa da humanidade triunfa.

Roma é ainda bárbara, as conquistas lhe embrutecem o espírito, a sordidez lhe mancha as mãos. Suas águias levam nas asas o cativo ao país da liberdade; Grécia desaparece da lista dos povos envolta nos aviltamentos da escravidão; porém com suas letras renasce seu espírito entre os romanos, que, abafados pela grandeza de uma glória que se obumbrava no cimo de suas grandiosas reminiscências, perdem a originalidade de suas inspirações, com a barbaridade de seus costumes. Mas alarga-se sua inteligência pelo cultivo das ciências e letras gregas, e os Cíceros, os Césares, os Titos Lívios e os Quintilianos aparecem, enobrecendo a pátria.

Há séculos estéreis, Senhor, que resvalam sobre a memória dos homens sem gravar uma só lembrança, e que perpassam tão rápidos e fugitivos que imagina-se sua existência, mas não se a compreende; tais são aqueles que, não firmando sua passagem com alguma idéia grande e generosa, confundem-se pela generalidade indefinida de seus caracteres. Do mesmo modo as nações, que, pelo estrondo de suas vitórias, estrépito de seus triunfos e grandeza de suas façanhas, cativado têm a atenção dos homens na manhã da prosperidade; na noite da decrepitude, no abandono amargo da desventura, se despenham rápidas no abismo do nada,

⁵ Variante pouco utilizada de “nivelava”.

⁶ Mantivemos aqui a forma do texto-fonte; mas, como o texto não permite depreender distinção gráfica entre o pretérito perfeito e o futuro do indicativo na terceira pessoa do plural de certos verbos, não se pode descartar a possibilidade de tratar-se, neste caso, do pretérito perfeito, caso em que, atualizando a ortografia, teríamos “arrolaram”. A mesma observação vale para a flexão do verbo “estalar”, logo adiante.

e um esquecimento pesado, como o silêncio dos sepulcros, as apaga da memória, ainda dos próprios contemporâneos, se a par dos grandes acontecimentos que deram rebote em todos os espíritos não possuem em caracteres eviternos um passado glorioso, se não houverem sido cuidadosamente conservadas as fases de sua grandeza. Com razão bem o podemos afirmar que a grande glória e celebridade de tantas nações cujo nome se vai dilatando por tantos séculos menos deve ser lançada à conta de suas grandiosas empresas que do vigoroso engenho e obras de tantos homens que as foram ilustrando. O herói da Macedônia, o célebre discípulo de Aristóteles, esse mimoso da fortuna que à perpétua assistência dos seus favores tanto deveu a imensidade do seu nome, em pé, no meio de sua própria glória, deixava ver por trás de si, como o belo fundo de um quadro, a figura colossal dessa gigantesca Grécia, que tão grandes lumes acendera no mundo.

Que eram as letras o tipo da civilização de um povo dissemos nós, e com razão, Senhor, porquanto delas brotam todas as virtudes que depuram o coração humano das fezes dos vícios e espancam as paixões mesquinhas, fazendo germinar a felicidade, a virtude e o amor da glória.

O amor da virtude, este interesse pela perfeição moral que tanto aproxima o homem daquele a cuja imagem fora feito, não poderá desenvolver-se nem medrar, se as letras, não procurando excitar no coração as naturais tendências, as deixarem desalentadas definharem.

É bem raro que a vista dos primores da arte deixe de determinar na alma do homem idéias de ordem e de justiça. É que destes modelos se remonta ele ao tipo ideal de todas as belezas e de todas as perfeições; é que do artefato sua imaginação foge a internar-se nos recônditos da alma, para queimar no altar do coração o incenso das mais sinceras adorações.

Tudo – creio – será fácil e até possível obter do talento e arte do poeta; menos de,⁷ sobre um fato cujo fundo assente sobre a imoralidade e o vício, fazer alguma dessas cenas cheias de vida e sentimento, onde o belo se perde nas delicadas transformações em que o sublime começa.⁸ O gosto, Senhor, esta faculdade comum a todos e particular a alguns quando perfeita e sutil, por modos incompreensíveis e que muito dão para admirar, se acrescenta no homem, convidando a igual desenvolvimento todas quantas faculdades lhe ornem o espírito. Quando um povo é dotado de um gosto delicado, que⁹ por um hábito de contínua reflexão tem aprendido a bem escolher e a melhor rejeitar, nele encontramos sem esforço nem pretensão a existência de hábitos virtuosos. Nem de outro modo deveria ser. Obrigado freqüentíssimas vezes a consultar seu sentimento íntimo, tantas outras apalpa ele no ádito de sua alma as próprias emoções que experimentara. Sua preferência pelo que mais belo se lhe antolha é já não direi só a expressão de uma alma bem formada, antes também de uma razão esclarecida e de um juízo reto. E à mesma conta lhe fica certa tendência e predileção para tudo quanto se aproxima do tipo do belo, que traz impresso em sua alma. Então a virtude

⁷ A locução “menos de” significa “exceto”, “salvo”.

⁸ Como a sintaxe e o sentido desse período se apresentam problemáticos, não obstante as alterações por nós introduzidas, transcrevemos a formulação do texto-fonte: “Tudo creio, será fácil e até possível obter do talento e arte do poeta; menos de sobre um facto, cujo fundo assente sobre a immoralidade e o vicio, fazer alguma d’essas scenas cheias de vida e sentimento, onde o bello se perde nas delicadas transformações, em que o sublime começa.”

⁹ O antecedente do pronome relativo é “povo”, donde a interpretação: “por um hábito de contínua reflexão, o povo tem aprendido a bem escolher e a melhor rejeitar”.

para este povo não é efeito de cálculo; assemelha-se à espontaneidade dos instintos, ao obrar dos hábitos, ou antes é como uma febre que lhe circula as veias do corpo.

Nessas épocas em que os poderosos senhores haviam dado à brutalidade da força o cuidado de intervir em suas contínuas contestações e cujo furor parecia não acalmar-se senão afogado no sangue de seus semelhantes, nesses tempos havia mister ao valor e à heroicidade destes guerreiros um denodo e galhardia, certa temeridade que atasse as mãos ao temor, pois que nenhuma cousa quebranta e apaga mais os incêndios do valor que os assaltos inconsiderados do tímido receio. Com os olhos fitos em vantagens políticas, deste jeito tinha a filosofia dos antigos propagado com todo o vigor a verdade do fatalismo e a influência do destino.

Nem falta a poesia, Senhor, que logo acode com os encantos de maravilhosas ficções aos manejos interessados da política e da filosofia. Daqui todas essas criações da fantasia dos poetas, com que alcançaram que nestes homens a alma, assoberbando-se aos perigos com um sorriso de desprezo, encarasse¹⁰ a morte como cousa que nada mais fazia que aproximá-los desses sítios de eternos e inefáveis gozos.

A glória, a honra, o heroísmo e as demais espécies de uma mesma qualidade virtuosa não produziram cousa de vulto se, acurvadas sob o peso do indiferentismo, não pudessem escutar o ruído dos aplausos, os entusiásticos e apaixonados cantares dos poetas inflamados pela pátria glória. O homem, nascido para a sociedade de uma família, não trocaria jamais os doces cuidados e fadigas de um trabalho menos lidado, e que tanto o inclina ao amor dos filhos, pelo atropelar das pelejas e sibilar das balas, se algum incentivo, se algum encanto, fascinando-lhe os sentidos, lhe não fizesse esquecer quanto deixara por um engano de olhos.

É a poesia – diz o Sr. Lamartine – a encarnação do que o homem tem de mais íntimo no coração e divino no pensamento, do que a natureza sensível possui de mais significativo nas imagens e melodioso nos sons; também é o poeta que, com sons da endeusada lira, exaltando a alma do homem, o transmuta em herói. É ele, que só, à frente das coortes, nesses tempos com razão chamados heróicos, inflamado de santo entusiasmo que não fingido fogo de fria imitação, alevantava o tímido e acovardado ânimo do soldado, e, sobrelevando os brados da glória aos clamores da humana fraqueza, o conduzia, como pela mão, até as portas da vitória.

Um povo que à falta dos lumes que lhe provêm das letras não sabe aquilatar o mérito da virtude, nem conservar estampadas em seu coração os tipos das facções heróicas, nele não vinga a árvore da glória. Desapercebidas passam as ações dignas de reparo; mais tarde toda a utilidade da dedicação do homem ao homem fenece exangue, e a sociedade se abisma sob o peso de um egoísmo frio e gelado. Convidados pelos brios de um grande e valoroso coração, correm alguns cavaleiros aventureiros da moderna Europa à celebrada Palestina; ali se avantajam por heróicas façanhas, e os cantos apaixonados dos bardos e trovadores espertam o ardor marcial nos barões, nos grandes senhores, nos reis e nos príncipes, e pontes levadiças se abaixam para dar passagem aos heróis desta nova cruzada, que se partiam para África a immortalizar a fama de seu nome e a glória daqueles de quem vinham. Nem já podiam militar os mesmos motivos, nem os mesmos interesses sociais que impeliram à guerra a Europa inteira, e ainda voava para África a procurar aventuras essa ardente mocidade cuja imaginação escaldara o sublime poema do divino Tasso!

¹⁰ No texto-fonte, “encarassem”; corrigimos, na suposição de que a concordância deva ser com a palavra “alma”.

Coube sempre à poesia eternizar, com seus cânticos enfeitiçados pelo vigor das imagens e linguagem das musas, o passado de uma nação. Certo, Senhor, que o povo que se vê engrandecido por um passado heróico e grandioso a seus próprios olhos toma proporções gigantescas e, orgulhoso da herança que lhe coube em partilha, trata de não degenerar da origem. Não é só a poesia que, conservando em suas formas alegóricas e sublimes as tradições e crenças de um povo, dilata-lhe a glória, perpetuando-lhe a memória. Há ainda a história, que, ligando os fatos, pronuncia seu juízo sobre os acontecimentos, desentranha as idéias que neles se acham contidas, aquilata o valor das épocas, avaliando o peso das idéias. Os povos que têm uma história, quando um dia o rigor dos desastres, as peripécias da guerra e a catástrofe da política os submergem ou os devoram, seus netos os admiram e a posteridade os respeita. Quem lerá sem o pasmo da admiração a história quase fabulosa da ilustre pátria de Catão, enobrecida pelo brilhante estilo de um Lívio? Quem há que leia a história das nações modernas que se não entre de horror, não chore ou não se entusiasme à vista dos variados quadros de tão multiplicados dramas? O que será um povo sem história? Viandante estúpido e deslido que vê e não observa, olha e não compreende!

Nada há, por sem dúvida, de maior esterilidade que toda essa multidão de livros que, pejando as bibliotecas, só têm servido de enfadar os gênios mais curiosos, fatigando-lhes a memória inutilmente, quando todos esses escritos, lucubrações de tantos homens superiores, nada têm realizado debaixo do ponto de vista do bem da humanidade. Certo que neste caso devem as letras ser consideradas como passatempo de ociosos, agradável desenfado das horas de enojo e de sensoria.

Nos tempos em que com a sociedade em divórcio viveram a filosofia e a poesia,¹¹ quando o mundo intelectual e moral bem distinto era em quase todos os povos da renascença, as ciências, as letras, ou melhor, os homens que delas se ocupavam, afastados vivendo do movimento social, nada influíam na marcha de seus grandes acontecimentos. Certamente que não eram estas associações a expressão do progresso, nem legítimo todo o desenvolvimento material que nelas se observava.

Se no lidado trabalho de descobrir a verdade, esclarecendo o homem, se esquece a filosofia de estudá-la nas paixões e no secreto do mesmo homem, se não espregueita no bater de seu coração a linguagem tão expressiva quanto eloqüente destas agonias íntimas e profundas, traduzidas na palavra *dor*, descendo muitas vezes à multidão para pôr o dedo sobre a chaga que sangra e corrói o coração do infeliz, remontando-se tantas outras até aos alcatifados salões dos poderosos, então [permanece]¹² longe da verdade, que se não dá a conhecer senão ao que a sabe procurar; da hipótese engendra induções exclusivas, teorias absurdas e loucas, e a ação que deveria ela ter sobre a sociedade se vai perder no escárnio dos que lhe contestavam a utilidade.¹³

¹¹ No ordem direta, teríamos: “Nos tempos em que a filosofia e a poesia viveram em divórcio com a sociedade...”. Neste mesmo período ocorrem inversões da ordem direta, embora menos drásticas, sendo oportuno assinalar que a opção pela chamada ordem indireta constituía recurso usual na época, acionado com o objetivo de conferir certa pompa oratória ao estilo.

¹² Acrescentamos a palavra entre colchetes, para maior clareza.

¹³ A pontuação deste longo período, bastante divergente em relação aos padrões hoje adotados, implicou certas intervenções no sentido de torná-lo claro para o leitor de hoje. Para cotejo com as soluções que adotamos, transcrevemos a formulação do texto-fonte: “Se no lidado trabalho de descobrir a verdade, esclarecendo o homem, se esquece a philosophia de estudal-a nas paixões

Do buscar insensato da verdade no seio da hipótese ou no silêncio das concepções nasceram todos os absurdos que estreitaram ainda mais a esfera de sua ação, fazendo-a encerrar-se nos limitados espaços de suas especulações. Porém quando a filosofia, tomando lição de seus próprios erros e por guia a experiência, deixou de generalizar loucamente, para observar, a sociedade, esclarecida por seu grande luzeiro, foi imediatamente submetida a seu poderio e influência. A vida solitária e toda especulativa que até meado do século 18^o viveram os alemães e ainda os ingleses produziu Kant, Leibniz, Fichte e tantos outros, e com eles sistemas mais ou menos imperfeitos e viciosos. A sociedade alemã oferecia então o espetáculo de um alto desacordo entre o grande desenvolvimento intelectual e as apoucadas condições do social. O poeta, contente com as contemplações do belo, inquietava-se muito pouco com nulificações a que o condenava um mal entendido interesse. Porém a poesia desperta estimulada pelo agulhão da preferência e abandono;¹⁴ sobreleva a voz para estigmatizar o esquecimento da pátria: ela foi épica! Klopstock faz reviver as crenças do país; Schiller depura a tragédia moderna, e a Alemanha vai caminho da civilização e do progresso.

Não pareça, Senhor, que desconhecemos de um modo absoluto a influência que por seu turno exercem sobre o estado moral, sobre o indivíduo, as instituições e as formas sociais. Fora tão tresloucada pretensão como a de negar a existência objetiva do Universo. Seguramente que, nos estados em que a liberdade caracteriza o governo político, as inteligências tomam um desenvolvimento espantoso, porquanto, livre o pensamento, sem peias se levanta às mais sublimes concepções. Assim que é nos estados desse jeito governados que desenvolvido tem a eloquência toda a energia e grandeza de que é dotada. Qual a influência que também em semelhantes povos chega a ter a filosofia todos a conhecem. Com ser sensível e provada a ação de tais formas sociais, o mais das vezes utopias, cheias de imagens risonhas, de sonhadas belezas, não deixa por isso de ser fato averiguado pelo tempo que é nestes governos que mais podem as idéias e os pensamentos. Fora esquecer a história de todas estas épocas mais desastrosas que felizes; fora olvidar os fatos o desconvir que todas as revoluções e subversões da ordem pública têm sido obra do espírito, antes de o ser da sociedade; que toda a fermentação que precede e anuncia o movimento das facções começa nas inteligências e daí se propaga às massas, e que, se utilizando das letras como seu instrumento, com elas há ultimado a obra de seus intentos.

Demonstrado, como fica, a ação e poderio das letras sobre o estado moral e social do homem, não menos claro se nos amostra que, se tantas lhe são as vantagens e préstimos, seguramente devem elas ser uma imperiosa necessidade dos povos, e daqui rigoroso dever daqueles a quem coube o presidir a seus destinos, de facilitar seu cultivo, favorecer seu

e no secreto do mesmo homem; si não espreita no bater de seu coração a linguagem tão expressiva, quanto eloquente destas agonias intimas e profundas, tradusidas na palavra – dôr –, descendo muitas vezes á multidão para pôr o dedo sobre a chaga que sangra e corroe o coração do infeliz, remontando-se tantas outras até aos alcatifados salões dos poderosos; então longe da verdade que se não dá a conhecer senão ao que a sabe procurar; da hypothese engendra induções exclusivas, theorias absurdas e loucas, e a ação que deveria ella ter sobre a sociedade se vai perder no escarneo dos que lhe contestavão a utilidade.”

¹⁴ Sic, “preferência e abandono”. Conservamos a formulação do texto-fonte, não obstante sua aparente inadequação ao sentido geral da frase. Hipótese que nos ocorre para um significado compreensível seria que a palavra “preferência”, por algum lapso, estivesse no lugar de “indiferença”.

desenvolvimento. Em todos os tempos hemos visto os povos que tentaram obter uma civilização começarem de ilustrar o homem, porque seria sua ilustração a máquina com que alevantariam o edifício de tão bela perspectiva.

Desde as épocas que assistiram ao desmembrar das antigas sociedades, até as primeiras tentativas da moderna associação, desde a civilização do Cristianismo, até a espantosa revolução político-moral de 1792, foi a instrução pública mais ou menos cuidadosamente desenvolvida. A religião, Senhor, caminhando sobre os estragos dos altares da gentildade, formara da instrução pública seu grande móvel. Ao princípio informe, melhor organizada depois, estabelecera o predomínio do clero, que formulara no silêncio dos claustros todos os gêneros de acometimentos com que chegara à possessão exclusiva da sociedade!

A profusão das escolas claustrais, rivalizando no século 5^o com as estabelecidas e sustentadas pelos poderes civis, serve de vitorioso argumento de que lhe fora a instrução pública útil e vantajosa. Ora, se nos séculos em que os avisos da experiência ainda não haviam levado à evidência nem firmado como um princípio que o saber é uma força, que só à ciência cabe o dirigir a humanidade, quer compreendendo a linguagem dos fatos e alcançando as idéias que neles se acham como [que]¹⁵ envolvidas, quer obrando sobre eles com seus pensamentos e suas inspirações; se nesses tempos tanto desvelo mereceu a instrução pública, hoje ela não pode deixar de ser considerada a primeira e maior das necessidades de um povo que tenha posto a mira na glória de sua perfectibilidade moral e social.

E devo eu, senhores, arrastado pela força de uma rigorosa dedução, correr a cortina que esconde um espetáculo desanimador e triste, tratando do estado da instrução pública do nosso país depois de haver mostrado a influência e utilidade das letras. Deverei eu dizer que ela vai a definhar-se e que em geral não tem sido montada segundo as vistas filosóficas deste século? Direi que mal pode ser cabal para as variadas precisões de um ensino calculado pelos mais acreditados sistemas? Não, senhores, não serei eu que em dia de tamanho júbilo dê cabida e desenvolvimento a assuntos que possam contristar o coração do Monarca, que coisa alguma tanto deseja, senão também a procura, como o adiantar a instrução e aquecê-la, como de efeito a aquece, com o bafo de sua paternal bondade.¹⁶

Nem por justo devo ter, Augusto Monarca, tanto desmaio e desânimo, quando para glória de Vossa Majestade e felicidade do país cresce e alentado caminha um estabelecimento literário como este, cujas vantagens têm, pelos argumentos incontestáveis do sensível aproveitamento do talento e cópia de ótimos discípulos, rareado o número dos descritos e dos menos afeiçoados. Com razão, pois, olham os bons espíritos para este Liceu, como o santelmo em mar proceloso, pois que, sendo ele o único que pode proporcionar um inteiro desenvolvimento à inteligência de uma mocidade talentosa e cheia de ardor, dá abonos de animar com seus frutos o aperfeiçoamento da instrução pública.

Não nos deve admirar o progressivo desenvolvimento intelectual da Europa; não pasmaremos da força da inteligência dos alemães, da gigantesca literatura dos franceses, da sólida instrução dos filhos da velha Álbion, se atentarmos no interesse e desvelo com que todos estes povos tratam a instrução pública, se olharmos que toda [a] Alemanha, a Prússia,

¹⁵ Para maior clareza, inserimos a palavra entre colchetes.

¹⁶ Embora o sentido deste período seja claro, sua sintaxe, no trecho que se segue à palavra “Monarca”, apresenta-se um tanto anômala.

[a] Holanda, [a]¹⁷ Inglaterra e a França, à porfia multiplicando escolas e aperfeiçoando seus métodos, parecem disputar-se a glória de haver cada qual chegado primeiro ao ponto da maior perfeição possível a este respeito. Também as ciências, as letras, as artes e a indústria, nestes países, têm tomado um tal desenvolvimento que determina o mais atento reparo e admiração.

É força, senhores, que, obrigado da verdade, eu declare bem alto que o Augusto Monarca do Brasil tem feito a prol¹⁸ da instrução de seus súditos quanto cabe aos esforços de um Rei e nos alcances de uma vontade forte e decidida. Não careço de provas da valiosa proteção que se digna dar às letras e àqueles que as cultivam, quando o temos aqui, no meio de nós, e que, cheio de bondade e de amor pelos alunos de um Liceu a que honrou com seu Augusto Nome, desce das alturas de sua majestade para com suas próprias mãos colocar sobre a frente desta estudiosa mocidade os louros de seu triunfo! Quando o vemos, senhores, todo alegria, afagar a uns, premiar a outros, animar a todos, a fim de que respirem todos a benéfica aura de seu grandioso coração!

Não é, Senhor, este interesse pelas letras do país que faz com que Vossa Majestade incessante vele e não tire os olhos deste estabelecimento, estendendo o vigoroso braço que o traz abroquelado e protegido?¹⁹ Em nome deste Liceu, Senhor, em nome das letras da pátria, eu vos rendo graças por tão assinalados favores. E vós, a quem se abrirão as portas das Academias e das Faculdades, porque já possuíeis um honroso diploma, vós, que recebestes por tantas vezes deste Magnânimo Príncipe provas não equívocas de seu interesse pela vossa ilustração, vinde, banhais com lágrimas de gratidão e reconhecimento aquela mão dadivosa que vos guiará à altura de tão bela posição! Ah, quando nada mais houvera, Senhor, para demonstrar a proteção de Vossa Majestade às letras do país e a utilidade desta Academia, meu silêncio seria agora eloqüente, porque, apontando para todos estes bacharéis que acabam de terminar sua carreira científica cobertos de glória e de merecimento, diria aos incrédulos: – Vede! Eis os saborosos frutos desta frondosa árvore!!!

Eis-me ao termo de uma verdadeira peregrinação por terras tão remotas, por tempos tão apagados da memória! Subindo a grandes elevações, descendo a funduras quase abismos, para achar as provas de meu deliberado propósito, vistes-me, Senhor, umas vezes vigoroso caminhando, outras contemplativo e suspenso, como a vaga batida por ventos contrários, chegar ao fim ao ponto de uma verdade sempre grata e apetecida, a de ser Vossa Majestade o amigo, o arrimo e protetor das letras e ciências do país! Ah, quanto é doce o poder proclamar, na embriaguez da virtude, como Vossa Majestade o pode, que a felicidade de seu povo é obra sua e de ninguém participada! Que ventura não é para um Monarca o prazer de gozar do espetáculo de seu coração!!

¹⁷ Neste caso e nas duas ocorrências anteriores, acrescentamos o artigo, entre colchetes, por não nos parecer justificável sua omissão, considerando que o autor o emprega em duas outras situações análogas neste mesmo segmento do período (“a Prússia”, “a França”).

¹⁸ Forma antiquada de “em prol”.

¹⁹ Na formulação do texto-fonte, o período apresentava as seguintes anomalias: emprego do pronome “quem” em situações que antes justificariam o uso respectivamente de “que” e “o qual”; anacoluto em seu segmento final. Como introduzimos nele alterações consideráveis, transcrevemos, para o devido cotejo, a forma em que se encontrava redigido: “Não é, Senhor, este interesse pelas letras do país, quem faz com que Vossa Majestade incessante véle e não tire os olhos deste estabelecimento, sobre quem estendendo o vigoroso braço o traz abroquellado e protegido?”

Para louvar-se a um sábio, contam-se seus conhecimentos; para celebrar-se um filósofo, apontam-se suas descobertas; para dilatar porém a glória de um rei, enumeram-se seus benefícios e por eles mede-se a felicidade de seu povo.

Os homens, como os séculos, foram vindos a este mundo de fraquezas e de contradições para realizarem uma missão generosa e útil. Aquele que passa, e a humanidade se não a²⁰ percebe, chegou e desapareceu, semelhante à flor de mimosa fragrância que rebenta nas cerradas matas de nossos sertões: floresceu, mas ninguém o viu!²¹ Porém aquele que, com o entusiasmo no coração, trata de dar significação positiva às idéias que lhe borbulham no pensamento passará também um dia, porém nem o desespero da incredulidade, nem o ceticismo do sepulcro lhe tisonarão a memória. Tal tem de ser o destino de Vossa Majestade, pelos acumulados benefícios e favores à causa da humanidade!!

E quando a filosofia for, mais tarde, buscar na história modelos para estampar a conduta dos reis, ela escolherá a Vossa Majestade! Nossos filhos tributarão a vossa memória respeitadas homenagens, e, entregando à longa série de vossos sucessores o quadro de vossas virtudes, dar-vos-ão eles, Senhor, as verdadeiras honras de uma grande apoteose!

²⁰ O pronome se refere a “missão”. Em ordem direta, este segmento do período tem a seguinte formulação: “e se a humanidade não a percebe”.

²¹ A pontuação deste período, bastante divergente em relação aos padrões hoje adotados, implicou certas intervenções no sentido de torná-lo claro para o leitor de hoje. Para cotejo com as soluções que adotamos, transcrevemos a formulação do texto-fonte: “Aquelle, que passa e a humanidade se não a percebe; chegou e desapareceu! semelhante a flôr de mimosa fragancia, que rebenta nas cerradas mattas de nossos sertões, floresceu, mais ninguem o vio!”

DISCURSO*

(1853)

Senhor:

A literatura de um povo é o livro de ouro onde os gênios escrevem os fastos do pensamento; é o desenvolvimento do que ele tem de mais sublime nas idéias e de mais heróico nos sentimentos; Panteon de suas celebridades, contém a história inteira das paixões que agitaram sua alma e o segredo das influências que conduziram suas inspirações; e semelhante a essas ruínas do Oriente, a essa literatura de pedra, tão poética e tão curiosa aos olhos do arqueologista, seus monumentos revelam à posteridade as lucubrações que hão custado. Um povo que não tem uma literatura chegará dificilmente a ser uma nação; porque a nacionalidade rebenta do sentimento vivo de sua glória passada, e das tradições de seus maiores, cujos nomes e preciosos trabalhos a literatura, como um eco imortal, repetirá até as mais remotas gerações da terra!

A história, Senhor, narra os acontecimentos; porém a literatura acrescenta à fiel narração da história os monumentos que a ilustram. Se de alguma cousa podíamos com razão ser acoimados, era de negligentes e esquecidos de nosso passado, de nossas glórias literárias; graças porém ao esclarecido espírito e amor da pátria que pulsa no coração de V. M., começam por seu influxo poderoso a ser escavadas as minas de preciosas riquezas; os jovens talentos cobram ânimo e se entregam a penosas indagações, e dentro em pouco nossa história será depurada dos erros que lhe emprestara a ignorância estrangeira, nossa literatura estudada, e posta em luz a sua nacionalidade.

Qual será entretanto o método que, empregado no ensino de nossa literatura, possa de uma vez exterminar a dúvida que sobre a sua existência ainda aparece no espírito de todos? O dogmático, Senhor, aquele que, partindo das leis do belo obtidas *a priori* ou *a posteriori* dos processos da experiência, tem sempre por caracteres, no ensino da literatura, aplicação das leis da crítica às produções do espírito e, como resultado da maior ou menor conformidade com elas, aprovação ou condenação destes efeitos da laboriosa inteligência do homem; e por maior que tenha sido sua autoridade, por mais elevados que sejam os serviços prestados, não fica menos claro que, atenta a imensa curiosidade dos espíritos hoje, tem-se tornado ele um modo de ensino vago e um tanto arbitrário. Não é tudo; absoluto por sua natureza, perpetuando o domínio da autoridade, dá-nos uma instrução quase negativa nos exemplos de faltas cometidas, semelhante à que dão aos nautas os escolhos sobre as mais seguras derrotas.

É incontestável, pois, que outro método não deve ser aplicado ao ensino das literaturas modernas que o histórico, o qual, satisfazendo as exigências de um século tão esclarecido como o nosso, completa as lacunas que deixavam o dogmatismo e autoridade. Ele torna a literatura de um maior alcance e interesse, porque estuda e examina as íntimas relações do

* *Discurso recitado na augusta presença de suas majestades, por ocasião da distribuição dos prêmios e colação do grau de bacharel em letras, no Imperial Colégio de Pedro II, no dia 27 de novembro de 1853, pelo Dr. Francisco de Paula Meneses, professor de retórica no mesmo estabelecimento. Rio de Janeiro: Tip. Imp. e Const. de J. Velleneuve e Comp., 1853.*

espírito que concebe com a obra produzida; porque, folheando a história para conhecer os tempos e as circunstâncias do momento, avalia a influência da pátria, o poderio dos costumes e a força da civilização. Como conheceremos, Senhor, uma literatura, sem estudar os homens e os tempos em que foram levantados os monumentos de que ela se ocupa? Bem sabemos quanto é isto difícil, porque as épocas são às vezes mudas, e as conjecturas vêm substituir o que os fatos não disseram. As vantagens deste modo de ensino sobem de ponto quando se trata de nossa literatura, em que se tem confundido, nos parece, a imitação de estranhos modelos, a ausência de uma língua própria com a falta de sua nacionalidade. Foi esta convicção que nos levou a lançarmos rápida vista d'olhos sobre o século XVIII, em que nossa literatura começou a avultar aos olhos do mundo, para provar com fatos bem averiguados que dos dois métodos de ensino podem nascer juízos vantajosos ou desfavoráveis sobre o mérito de nossas produções literárias.

Nem outra ocasião tão asada se nos antolha para semelhantes provas do que esta em que nos achamos diante de uma mocidade talentosa, cujo coração aberto às vivas emoções do entusiasmo conservará impressa a lembrança de verdades que poremos ante seus olhos. Nem outra ocasião mais própria que esta, onde o deslumbramento de uma glória que acabam de conquistar nos louros que cingem suas fronteiras poderia dar uma falsa idéia destes triunfos sem significação futura, se os não repetirem na vida estrepitosa que os espera. Foi também para espertar vossos brios, senhores, que escolhemos o assunto que poremos o peito em desenvolver, pois o quadro de ilustres brasileiros cujo exemplo vos cumpre seguir, cujos trabalhos deveis imitar e cuja celebridade deve excitar vossa emulação é um legado de honra, é uma herança de glória!

Corria o século XVIII, passavam-se os dias dessa época em que o gênio francês devia dominar absolutamente toda a Europa. Herdeiro das grandezas e dos abusos do antecedente, já tinha ouvido a primeira protestação contra o esplendor da monarquia de Luís XIV, contra o domínio religioso de Bossuet e contra a clássica autoridade dos antigos. De tempos anteriores ao século XVII tinha o meio-dia da Europa, com o seu Dante, Tasso e Marino, Garcilaso, Gôngora e Quevedo, exercido poderosa influência na literatura dos franceses; e Portugal, de cujas modificações devemos fazer aqui memória, recebia, como a França, o quinhão de influência que tão vizinhas e brilhantes literaturas lhe deviam dar. Voltaire tinha nascido, e seu gênio ousado devia, com o segredo de uma miraculosa universalidade, torná-lo fiel representante de seu século. Por suas idéias levava a revolução a todas as sociedades, e desde a filosofia até a política, desde o corpo social até o indivíduo, tudo foi profundamente modificado; por todas as partes dominavam as idéias francesas, e o espírito deste povo célebre animava o imenso vulto da civilização moderna. Já o comércio tinha encetado a obra da fraternização dos povos, e a inteligência, pela pronta circulação de suas idéias, tinha o mundo sob o seu absoluto domínio. Reinava em Portugal o Sr. D. José I, e à frente dos públicos negócios viu-se um dos mais consumados estadistas daqueles tempos, o célebre marquês de Pombal, espírito ardente, alma impetuosa, entusiasta da filosofia da época. Sob suas inspirações efetuavam-se²² na política, na indústria, na literatura e nas ciências as mais profundas mudanças e bem pensadas reformas; lutara, e chegou a contrastar a própria natureza,

²² No texto-fonte, “efetuava-se”.

que em medonho cataclisma destruíra Lisboa, debruçando-a sobre um montão de ruínas. Gênio de Alcides, como o chamara o poeta, apagou as elevadas fogueiras da Inquisição, e sobre seu braseiro queimou mais tarde a velha celebridade desse clero.

A escola de Marino e Gôngora, cujos vícios requintaram o autor da *Malaca conquistada*, Pereira de Castro, e Sá de Meneses, arrimados na grande autoridade do célebre Vieira e de Jacinto Freire, tinha viciado com os seus *conccetti*, trocadilhos e exagerações a louçania e pureza da língua de Camões e de Ferreira.

O conhecimento dos poetas franceses e uma vasta erudição não tinham podido tornar Ericeira um poeta modelo; e pelo contrário, seu estilo em demasia afetado incrementava o desfavor de sua tão fria e mal tecida *Henriqueida*. Um brado de guerra ecoa nas encostas da formosa Cintra, e as sonoras Tágides saudaram o aparecimento do poeta que devia regenerar a poesia e depurar a língua dos vícios que tanto a afeavam. Garção, o Horácio do português, funda essa escola erudita e didática que, verdadeiros serviços prestando às letras da sua pátria, tornou imortal o nome de seu chefe com o dos discípulos que mais se celebrizaram. Entre eles, Senhor, se contava Dinis da Cruz,²³ o célebre cantor do *Hissope*, o clássico Filinto e o encantador Bocage, cuja lira harmoniosa e doce vibrara sons que ainda não os ouvimos tão meigos e suaves.

É neste estado das letras que devia o Brasil, a vasta colônia dos portugueses, erguer-se com seus poetas ante os olhos admirados do venerando Tejo. Cláudio Manuel da Costa, Manuel Inácio da Silva Alvarenga, Inácio José de Alvarenga Peixoto, Bartolomeu Cordovil, Seixas Brandão, João Pereira, José Basílio da Gama, Rocha Pita, Santa Rita Durão, rompem à uma²⁴ para a cena que jamais os poderia esperar.

Já antes tinham infrutíferos ensaios procurado realizar a fundação de sociedades literárias no século passado, nessa época em que, entre Botelho de Oliveira, Bento Teixeira, Brito e Lima,²⁵ se elevara Gregório de Matos; Gregório de Matos, cujas sátiras simbolizavam o estado da civilização e os costumes do tempo; cujo cinismo e desenfreada licença na pintura dos caracteres contrastaram com a graça natural do seu espírito e originalidade de suas composições. Foi então que no Rio de Janeiro, aqui, debaixo da influência de um fidalgo amigo das letras, do célebre vice-rei Luís de Vasconcelos de Sousa, fundou-se a Arcádia que devia, como a romana, como a lusitana, empenhar-se em tornar clássica a nascente literatura da pátria.

Não são as precisões da cronologia somente que fazem-nos pensar em Cláudio Manuel da Costa antes dos outros poetas notáveis de seu século; são ainda mais suas primorosas composições, que já em prosa, já em verso, viram em Lisboa o lume da publicidade. A biografia do homem, a história de suas inclinações e de seus princípios filosóficos explicam muitas vezes o caráter e o tipo de suas obras, clareiam as densas trevas do coração que guarda cauteloso o segredo de suas inspirações. Cláudio Manuel, dotado de gênio melancólico e refletido, amava a solidão e o silêncio, como se aí somente encontrar pudesse existências que harmonizassem com a sua; como se aí somente pudesse ele mais a largas sonhar no meio

²³ No texto-fonte, “Cruz Dinis”; corrigimos, pois a referência é ao poeta português Antônio Dinis da Cruz e Silva (1731-1799).

²⁴ Ver nota 2.

²⁵ No texto-fonte, “Lima e Brito”; corrigimos, pois a referência é ao poeta baiano João de Brito e Lima (1677-1747).

das realidades da vida. A filosofia do século XVIII, tão cética e tão material, tinha atuado como uma verdadeira crença sobre sua alma terna e flexível. Os espíritos sonhadores e contemplativos, quando sem fé no coração procuram profundar os mistérios da existência humana, descaem em um terrível ceticismo, porque a dúvida e a incerteza lhes perturba a paz do coração e apaga a lâmpada deste tabernáculo. Tal houve de acontecer a Cláudio Manuel na hora suprema do abandono e do desespero. Nas trevas da alma o túmulo é luminoso.

Suas poesias são uma eterna elegia, são gemidos d'alma, dolorosos ais, cortados de doce voluptuosidade. Nem outro fora o caráter da primitiva poesia dos portugueses, nem outro o tipo dos trovadores de Provença, da Espanha e ainda da Itália. Sua lira, como a de Bernardim Ribeiro, teve sons melancólicos e ternos que se quebraram gemendo contra os rochedos, ou se confundiram com o ciciar das auras nas folhas de copadas árvores. Como Petrarca, cuja voluptuosidade o apaixonava, teve uma beldade que lhe inspirou seus cânticos. Condão foi de todos os trovadores o amor fantástico ou a paixão real. Sem que fosse seu estilo isento de exagerações e caísse de quando em quando em requintes de gongorista, sua frase tinha a pureza e a correção que o colocam entre os escritores clássicos da língua que falamos. A forma pastoril na primeira época de nossa poesia, como da portuguesa, revestia todas as produções; como se a liberdade de que careciam para exprimir os segredos d'alma só pudesse subsistir debaixo das vestes um pouco rústicas do guardador de gado. Em suas produções campesinas pintara ele apaixonadamente a vida campestre, faltando-lhe para as tornar de primor somente a influência da pátria. Quanto não mereceria o seu belo idílio "O Ribeirão do Carmo", se mais bem pintada lhe saísse a sua risonha Vila Rica.

Camões há sido para os portugueses, e por isso também para nós, o que Homero fora para os antigos e ainda para os modernos: fonte em que todos beberam, modelo que quase todos copiaram. Assim, seus pensamentos, suas imagens, seus versos, suas ficções, tudo foi, e creio que será por largo tempo, imitado. É desse original que nasceu o gênio da ficção, a metamorfose do Itamonte de Cláudio Manuel, que já apontamos, a qual felizmente tanta beleza tem de si própria que a torna a preciosa imitação de tão perfeito modelo.

Não foi dado a Garção e sua escola, que tanto se esforçara em acabar com os requintes da frase e tornar clássica a poesia pela lição dos gregos e dos latinos, o banir o tipo romântico que fora o de todos os poetas da Península. As cantatas, as canções, os sonetos e as demais espécies do vasto gênero lírico dos modernos aparecem por entre as produções dos seus mais extremados discípulos e nas próprias do mestre. Esta escola, cujo caráter didático se deixava ver no lidado trabalho de corrigir e dar preceitos, como uma crença, como uma seita, como uma idéia, traspassa o Atlântico e vem reproduzir-se entre nós, afagada por todos aqueles que ainda [há]²⁶ pouco nomeamos, dentre os quais se alçava Basílio da Gama como o esbelto Jequitibá em nossas matas. Todos estes poetas – em cujo número contava-se o melodioso Gonzaga, a quem se poderiam aplicar os belos versos de Camões: "Aquele cuja lira sonora / Será mais afamada que ditosa.", Gonzaga, que, a ser nosso patrício, seria uma das nossas glórias, seria a voz mais terna e tocante, seria o cântico de pastor o mais mimoso que ouviram nossos campos e nossas montanhas – é para nós evidente que formavam uma escola perfeitamente irmã, em tudo semelhante à que de Garção chamamos. É assim que veremos em todos estes novos adeptos que na América se juntaram o mesmo cultivo de clássicos, a mesma imitação de originais, a mesma submissão à poética e à retórica. Qual o que deixou de escrever epístolas

²⁶ Acrescentamos o verbo entre colchetes, que não consta do texto-fonte.

e sátiras? Qual o que da poética não tratara? Qual o que do grego não seguiu o maravilhoso, e da Cabalina e da Castália não bebeu as inspiradoras águas? Mas também qual o que com a clássica ode não se aprimorou na moderna canção, na elegante cantata, no delicado soneto?

Dominados pelas influências de uma literatura, se não basta, ao menos completa, como fora a dos portugueses, entraram a imitar a todos os seus poetas. Nem admira que tal acontecesse quando tão grandes eram os feitos desta nação, e tão absortos e admirados os trazia ela que lhes não deixava atentar no quanto assim perdiam de seiva e originalidade.

A imitação livre e inteligente é um meio profícuo para o desenvolvimento e perfeição de uma literatura, quando o povo que a recebe já tem em si força, e acabada e sensível sua individualidade; porém, quando mal balbucia o nome da pátria, a manifestação enérgica e brilhante da vida das literaturas estrangeiras deslumbra a sua inexperiência, seduz a sua imaginação e sufoca a sua originalidade, que ainda se não tinha organizado nem constituído. A civilização, atividade, finalmente a vida, estavam em Portugal; lá o sol, cujos ardentes raios animavam aquela mole de homens que por seu talento e seu gênio faziam pressagiar risonhos futuros para o inculto Brasil. Eis, Senhor, o que belamente explica nossa falta de originalidade e os caracteres da inegável imitação dos poetas deste século.

Há porém neles um como bruxulear confuso, distinto, do espírito nacional, como as indelneáveis formas de um vulto que assoma ao longe. Já neles começam de aparecer as lembranças da pátria nas imagens que, como lampos de luz, lhes abrilhantam os pensamentos, nas descrições que assinalam em alguns o teatro das cenas campesinas, na pintura da própria natureza.

Assim já se via em Cláudio Manuel o colorido pátrio porém vago e indeciso; em Silva Alvarenga, mais vivo e bem desenhado, como em seus rondós e madrigais, quando do curvado cajueiro ou da rugosa mangueira pendura a triste e a queixosa lira; em Bartolomeu Cordovil, que tão bem traduzira a poética do Venusino,²⁷ quando na poesia que intitulara “Sonho”²⁸ nos dá a bela ficção do rio Maranhão, e bem assim no seu encantador “Proteu”, linda e acabada composição. Porém nenhum deles teve a força de talento de Silva Alvarenga.²⁹ Rigorosamente clássico, suas imagens são filhas do politeísmo grego; árcade como fora, pouco pastoril nos parece ter sido. Ninguém tão alto ergueu o brado do patriotismo, ninguém com mais entusiasmo falou do seu país. Verdadeiramente pindárico, os sons de sua lira são centelhas de um fogo que abrasa nosso coração de brasileiro, as vozes do seu canto são como hinos patrióticos que parecem um reclamo a nossos brios nacionais. Matou-o porém a nímia erudição, mataram-no essas idéias da mitologia grega, que, como infalível ornato, aparecem na maior parte de suas produções.

²⁷ No texto-fonte, “Velosino”. Referência ao poeta Horácio, natural de Venusia

²⁸ No texto-fonte, “intitulara um sonho”.

²⁹ No texto-fonte, “Alvarenga Peixoto”; corrigimos, na suposição de engano do autor, pois a descrição e juízo crítico que se seguem aplicam-se a Manuel Inácio da Silva Alvarenga (1749-1814), e não tanto a Inácio José de Alvarenga Peixoto (1743 ou 1744-1792). Se restasse alguma dúvida, a referência a versos alexandrinos, constante do parágrafo subsequente, a desfaria, pois não há esse metro no espólio poético de Alvarenga Peixoto, ao passo que o encontramos na obra de Silva Alvarenga.

Não obstante o modo de metrificar imitado dos franceses, a rima de alexandrinos dois a dois, tão contrária à harmonia e variedade de nossa língua, foi ele o mais elevado poeta lírico do país e um dos mais ardentes patriotas.

O estudo histórico de nossa poesia nos revela dois fatos dignos de reflexão, e vem a ser: a força de nosso talento poético, que, ainda quase nas faixas infantis, já tão alto se guindava; e o poderoso influxo que às letras e ao gênio dão o favor e a proteção dos Mecenas e dos Augustos. Foi, sem dúvida, a essa animadora influência que³⁰ se deveu o brilhante progresso das letras nos tempos do vice-reinado de que já falamos, em que houve³¹ lugar a realização dessa academia literária, de que cumpre aqui apreciar as vantagens. Ninguém contestará a utilidade de tais associações, Senhor, em um país cujo gosto mal despontava: a reunião de luzes tão fortes em um só ponto devia dar grandes luzeiros, e o aperfeiçoamento do gosto e a pureza da língua seriam a força, as conseqüências necessárias de tais premissas.

Mas não teria também esta academia obrado em sentido contrário aos verdadeiros interesses de nossa literatura? Não seria de seus esforços que proveio essa submissão aos preceitos de uma escola? Não nos defraudou ela a originalidade, fruto da liberdade dos gênios? Não haverá alguma coisa de contrafeito na poesia do XVIII^o século, quando ainda tão em viço de anos, em épocas menos adiantadas, a notamos adereçada com as galas de uma alta civilização, e tocando ao mesmo tempo em todas as espécies de que se ocupa a poesia quando desenvolvida, sendo que pela natureza dos fatos não podia essa época ser senão lírica? Em uma sociedade que, encaminhada apenas para a civilização, começava a congregar os seus elementos, nada aí havia de inspirador no presente. Era a natureza com todas as suas riquezas, era o passado com suas tradições e maravilhoso, era finalmente o próprio sentimento do poeta que devia compor o fundo da poesia dessa época, e não a que tivemos sem inspiração, sem caráter próprio, filha das regras e dos modelos imitados. Pastores artificiais, a pintura de uma vida sem o sentimento de sua realidade, o que deviam dar senão a mais insulsa monotonia de que já tão bastas nos vinham tantas imitações de³² Teócrito e Virgílio, Guarini e Garcilaso, e que só Gessner pôde suspendê-la por um pouco nas inspirações de sua musa tão elegante de tão patriótica? Como os portugueses, cuja literatura também imitada não seguira as solicitações da sociedade, e sim a maior ou menor beleza de seus modelos, assim nós em tudo havíamos tocado sem que se pudesse achar na ordem destas produções as legítimas influências que determinam o aparecimento das obras do talento nas literaturas menos dominadas pela imitação. Com a epopéia, inutilmente ensaiada no século XVII, começou a nossa poesia dramática, e no adro dos templos a empregou Anchieta como um meio da religião, como um móvel para despertar o espírito de caridade e corrigir vícios que porventura são inseparáveis das épocas menos ilustradas.

Estes autos sacramentais, começo da poesia dramática em todos os povos da cristandade, para nós tiraram seus originais dos espanhóis e do português Gil Vicente. Manuel Botelho de Oliveira escreve as suas duas comédias ou descante cômico que mais parecem feitos para leitura do que para o palco. Seguem-se-lhe outros ensaios, e pode dizer-se que no

³⁰ Antes desta palavra há no texto-fonte a preposição “a”, que suprimimos na suposição de erro.

³¹ O verbo “haver” está aqui empregado no sentido de “ter”, emprego classicizante, antiquado já na época do autor.

³² No texto-fonte, “do”.

século XVII quase todos os nossos poetas escreveram comédias no gênero de Lope de Vega.³³ O poeta cômico que por suas engraçadas composições deu maiores brados fora o nosso patricio Antônio José, essa vítima da Inquisição, e que devia do alto da fogueira entoar um hino de glória pela aproximação da eterna felicidade.

Esse poeta, que tão pouco conhecíamos antes de o ter o nosso ilustrado patricio e distinto poeta o Sr. Magalhães animado a nossos olhos, pondo-o sobre o mesmo pedestal em que tinham visto os portugueses seu gênio em suas facetas composições.³⁴ Depois dele raro deu o teatro coisa de preço. Lê-se que na Bahia, por ocasião de festejos reais, se representaram comédias de Calderón e Lope de Vega.³⁵ É dos tempos do marquês de Lavradio que data o primeiro teatro do Rio de Janeiro, e referem entendidos que nesse teatro irregular e imperfeito foram representadas comédias e tragédias do teatro espanhol e italiano e português, como o *Faiel*, a *Mélope*, de Mafei, as comédias de Calderón e as do faceto Antônio José; a *Castro* do Ferreira teve entre nós muitos aplausos.

Podia o teatro ter grande desenvolvimento nessa época? Eis uma questão cujo desenvolvimento temos dado por escrito em um trabalho que já tivemos a honra de ler a V. M.; e por isso apenas aqui significaremos o nosso pensamento com o dizer que este gênero de poesia caminha e se desenvolve quando a sociedade tem tomado um certo grau de civilização e incremento.

Temos até aqui visto o desenvolvimento de nossa literatura poética, solicitado pela admiração que lhe inspiravam as literaturas estranhas; temo-la visto lutando contra sua própria natureza para sujeitar-se às regras de escola que a amesquinham; vão agora, Senhor, avultar a nossos olhos fatos de uma nova ordem, que darão relevo ao princípio que temos emitido sobre a utilidade do estudo histórico de nossa literatura. Para compreender um poeta, para interpretar um escritor, deve a crítica elevar-se à altura de seus pensamentos, e socorrendo-se à história adquirir o pleno conhecimento das lutas e das contrariedades que formam a vida; finalmente da sociedade em cujo meio existira. É somente depois de achado este nexos e estas íntimas relações que se dará ela por senhora do fio de Ariadne para este novo labirinto. Quantos poetas não terão morrido desprezados por não terem sido entendidos de seu século? Quantas belezas de primor não terá condenado a crítica por lhe não saber o toque!

Vira a nossa literatura dois grandes poetas, dois homens que, nascidos sob o mesmo céu, educados pelos mesmos preceptores, haviam corrido longos mares, visitado estranhas gentes, e por fim tinham ambos dado a lume uma das maiores obras que produz o gênio do poeta, o poema épico. Eles partiram das mesmas origens, e por diferentes terrenos caminhando foram ter juntos a um mesmo ponto. À primeira vista parecem repelir-se, como as eletricidades da mesma espécie, porém profundamente se combinam, um a outro se completa.

Há homens, Senhor, que se nos afiguram como um antagonismo vivo à primeira intuição, mas que, pelo destino de seu século ou pela natureza de suas inspirações, são um a outro necessários, porque são partes de um mesmo pensamento. Assim, José Basílio da Gama e Fr. José de Santa Rita Durão tomam um mesmo assunto, mas sua vastidão não permite que um só gênio o compreenda.

³³ No texto-fonte, “Lopo da Veiga”.

³⁴ A frase apresenta uma anomalia, que talvez se possa interpretar como anacoluto: seu segmento inicial – “Esse poeta” – resta sem função sintática no período.

³⁵ Ver nota 34.

Este assunto foi, Senhor, a história dos jesuítas. Os objetos cujo desenvolvimento abrange grande soma de idéias ocultam muitas vezes sob aparente simplicidade verdades de elevado alcance. Tal foi o que inspirara a estes dois grandes poetas. Como de um ponto semelhante nasceu tão grande diversidade de formas de exposição, como nascera este aparente antagonismo nas suas idéias e princípios, eis o que um exame mais profundo, uma estética elevada deverá pôr em toda a evidência.

Tinha Pombal conseguido o extermínio dos padres de Jesus dos domínios de Portugal. Era o Brasil uma das suas mais belas províncias, de maior grandeza e maior futuro. Em todas as suas capitánias tinham eles bem montados colégios lavrados em ótimos terrenos; o ensino e a educação da mocidade lhes pertencia de direito e era obra de sua ilustração. É de seus colégios que saem os mais alumiados gênios da poesia, da eloquência, da teologia. E os Vieira e os Eusébio de Matos, Sá e Durão, abrilhantaram a cadeira sagrada com as sublimes inspirações de sua palavra eloqüente. Quem sabe se este espetáculo de grandeza não tivera boa parte nas decisões da política de Pombal? Quem sabe se não viu ele nessa civilização tão precoce do Brasil preparada pelos jesuítas um pensamento longínquo de luta futura, uma idéia de insurreição, que mais tarde seria impossível suplantar? A possibilidade de uma independência apressada pela ilustração já crescida para um povo tão verde não tomaria vulto com os exemplos da América do Sul? O extermínio foi golpe de hábil político; seu alcance a história o dirá.

Quando se haviam dado os acontecimentos que referimos, o país caminhava no sentido do progresso. Após as lutas da conquista, duas grandes guerras estrangeiras tinham desenvolvido os germens de civilização, que só esperavam o ensejo para se coligarem. Vistas políticas mais conformes com a centralização do poder e unidade administrativa tinham substituído o vice-reinado ao governo local e abusivo dos donatários e capitães-generais. As molas da administração melhor colocadas funcionavam com mais energia e com sensível proveito. O comércio e a indústria medravam a olhos vistos, a religião estendia suas raízes pelo solo. A reforma da Universidade de Coimbra dava uma direção nova aos estudos científicos; e as associações literárias, e as pesquisas e as viagens nas duas partes do reino tornavam esta época de mui elevadas proporções. Do seio da academia de história, em Portugal, sai Rocha Pita com a poética *História da América Portuguesa*, para que ao Brasil não faltasse, neste século, um dos gêneros de escrito de mais dificuldade e de maior importância. O gênio de Pita folga de engrandecer sua pátria, e a paixão que o inflama dá a seu estilo um colorido tão poético que balda as grandes conveniências da frase no historiador. Mais Tito Lívio que Tácito, deixou-se arrebatado pela poesia do assunto. Daí a pouco o padre Jaboatão contará a crônica da sua ordem, assim como mais tarde frei Gaspar da Madre de Deus firmará na memória do país os gloriosos acontecimentos da fundação da província de São Paulo.

Pela primeira vez, Senhor, a sociedade atua sobre os gênios; e, solicitados pelo ardor de suas inspirações e grandeza dos fatos, dão por obra José Basílio da Gama *O Uruguai*, Santa Rita Durão o *Caramuru*. Basílio da Gama leva as variadas cenas da atualidade que ante seus olhos se agitavam aos lugares cuja história bem poucos conheciam, e nas irregularidades da vida exterior do jesuíta dá-nos a história da cobiça e da ambição de mando que guerreavam invejosas ao marquês de Pombal; na submissão e docilidade de Cacambo aos padres, a imagem de seu poder sobre os tronos; na escravidão dos indígenas à sua vontade, a pintura de sua influência espiritual. Ele tinha compreendido pois todo o drama da época, e sua exposição foi perfeitamente dramática. De um lado nos pôs o sublime da coragem e do amor da pátria

em Cacambo, da humanidade e da prudência em Gomes Freire; e do outro o cômico, o ridículo, o burlesco em Balda, em Baldeta e no alegre Patusca; bem como a fealdade em sua última gradação na asquerosa Tanajura. Há ainda aí o belo na ternura e sublime abnegação da vida em Lindóia. Não vê o leitor entre esta desditosa americana e o amado e intrépido consorte levantar-se a concupiscência, como um demônio que os afasta, que os persegue e que os mata? A epopéia moderna, disse o Sr. Victor Hugo, não pode jamais ter a pompa solene da epopéia dos gregos, espetáculo de majestade e religião; mas em troca tem ela um fundo mais interessante e verdadeiro, que é o drama. A epopéia, que deve representar a virilidade de um povo e o estado de uma sociedade, não o pode fazer sem que se inspire de sua eterna variedade. É também a alegoria do espírito dominante da poesia moderna, ou antes, desde os poemas sagrados, desde a Bíblia até Dante, o fundo alegórico se percebe em todas as grandes composições do poeta.

Em Santa Rita Durão o espírito da Bíblia atua com mais força e o leva a encarnar no país o espírito dessa Itália que tão bem conhecera, dessa poesia dos livros da fé que tanto cultivara. Sua obra é de um sentido mais profundo, de uma significação espiritual mais enérgica. Basílio da Gama compreendia a vida social, as relações exteriores do homem; Santa Rita Durão estudara a origem desses fenômenos em sua própria fonte, o cristianismo. José Basílio da Gama traçara a história do jesuíta pelo seu lado humano, nas suas imperfeições da humanidade; Santa Rita Durão a vai completar, tomando-lhe o lado moral, a parte mais nobre e sublime, a parte espiritual. Juntemos o³⁶ exterior mais ou menos imperfeito desses homens, às vezes viciosos e muitas caluniados, com o espírito que os inspirava, com a dedicação que os levava aos mais inóspitos desertos, com suas dores e afrontamentos, com sua piedade e fé em Deus, e teremos Anchieta, Nóbrega, Malagrida, no Brasil; teremos ainda o padre Vieira defendendo com o seu próprio valimento os pobres e escravizados brasileiros; ou antes, completam³⁷ a história do jesuíta³⁸ a sublimidade de seus princípios, sua fraqueza e sua imperfeição de homens.³⁹ O *Caramuru* é pois a apoteose desta família de homens heróis, personalizado em Diogo Álvares⁴⁰ Correia; mas, através dessa apoteose, no fundo dessa composição perfeitamente alegórica, vê-se o espírito da religião cristã, seu definitivo triunfo e o hino da igreja brasileira na hora de sua edificação. É ele próprio quem o diz, é Durão que assim se exprime:

³⁶ No texto-fonte está “ao”. Suprimimos a preposição, na suposição de que a regência é “juntar algo com algo” (ou “juntar algo a algo”, alternativa que redundaria em outra correção possível: “Juntemos ao exterior [...] o espírito [...].”).

³⁷ No texto-fonte, “completa”. Uma vez que interpretamos a palavra como verbo flexionado no presente, fizemos a concordância com o sujeito posposto “sublimidade, (...) fraqueza e (...) imperfeição (...).”

³⁸ A palavra aqui se acha empregada no sentido coletivo: “os jesuítas”.

³⁹ Considerando a falta de clareza sintática do período e as intervenções que nele operamos, transcrevemos a formulação do texto-fonte, para confronto com a solução por nós adotada: “Juntemos ao exterior mais ou menos imperfeito desses homens, às vezes viciosos, e muitas caluniados, com o espírito que os inspirava, com a dedicação que os levava aos mais inhospitos desertos, com suas dôres e affrontamentos, com sua piedade e fé em Deos, e teremos Anchieta, Nobrega, Malagrida, no Brazil; teremos ainda o padre Vieira defendendo com o seu proprio valimento os pobres e escravizados Brasileiros, ou antes completa a historia do Jesuíta a sublimidade de seus princípios, sua fraqueza e sua imperfeição de homens.”

⁴⁰ No texto-fonte, “Alves”.

Santo esplendor, que do grão padre manas
Ao seio intacto de uma virgem bela;
Se da enchente de luzes soberanas
Tudo dispensas pela mãe donzela;
Rompendo as sombras de ilusões humanas
Tu do grão caso a pura luz revela,
Faze que em ti comece e em ti conclua
Esta grande obra que por fim foi tua.

Quem não sente esse aroma dos incensos turicremados nos altares de nossa Igreja em cada página dessa epopéia teológica? Quem não sente nesses diálogos a palavra de Jesus Cristo levando pela boca dos missionários a luz da fé às almas dos selvagens indígenas? E quem não compreende nessa abnegação de Diogo Álvares o tipo daqueles homens que animados dos santos princípios da religião de Jesus Cristo haviam domado a gentilidade?

Eis pois como em vez do antagonismo lhes achamos a harmonia que procede da identidade do assunto. Ambos estes poetas escreveram uma mesma história, apenas diferiram na forma da exposição e profundidade das vistas. Basílio da Gama quebrou os moldes clássicos e livre caminhou, surdo às vozes da escola que lhe bradava pelas regras violadas. Santa Rita Durão, pelo contrário, procura conciliá-las com a grandeza de seu assunto. Camões e Virgílio viram muitas vezes modular as harmonias de seu estilo; mas seu fundo, sua bela idéia ficaram sempre grandes no meio da inseqüência da forma clássica sobre um assunto moderno. Se alguma coisa devêssemos adicionar ao que temos apresentado, diríamos que, sob o ponto de vista da nacionalidade, é Santa Rita Durão um poeta mais nacional, pelo assunto, pelo colorido das descrições e pelo espírito que respira sua composição.

Não carecemos, Senhor, ir por diante, não carecemos de nomear outros poetas e literatos deste século que mais tarde escreveram ou que menos luz de si deram, para provar as asserções que ousamos estabelecer. É por isso que forramo-nos ao trabalho de apontar esses dois astros de coruscante luz que pelos fins deste século notável despontaram no céu da nossa pátria: o padre Sousa Caldas, o Davi brasileiro, e frei Francisco de São Carlos, o Massillon da nossa igreja, o Milton da nossa poesia! E ainda mais porque esses gênios são antes do século que corre que dos tempos que foram. Nem foi nosso intento um trabalho crítico sobre a literatura dessa época, para o que seria de mister uma resenha de quantos poetas e homens notáveis houvesse produzido; e sim, a mostrar que a literatura pátria só poderia ser estudada e ensinada por um método que, intimamente ligado com a história, fosse mais analítico que sintético, mais filosófico que dogmático. E quem deixará, Senhor, de convir que só um estudo feito por aquele modo pode dar o caráter, o tipo, o espírito das produções da inteligência, e pôr em luz o que há nelas de imitado e de original? Quem não concordará conosco em que o método dogmático, quer provenha da especulação filosófica, quer dos avisos da experiência, antepondo a autoridade das regras ao sentimento inato do belo, não alcança o futuro, e nos força a contínuos retoques de nossa carta, como as viagens nos tratados da geografia?⁴¹ O gênio guarda sempre algumas imprevistas belezas como para desconcertar as previsões da crítica! Sem dúvida o que levara o clássico Boileau a escrever que um espírito vigoroso “Trop reserré par l’art, sort des règles prescriptes, / Et de l’art même apprend à franchir ses limites”.

⁴¹ No texto-fonte o período termina com ponto final, o que corrigimos, na suposição de erro.

Aqui poremos termo a este trabalho, que assaz longo saiu-nos, mais convencido, Senhor, da bondade com que vos dignastes ouvi-lo que do direito que podia ele ter à vossa atenção. Tão imperfeito e mal talhado o vemos que nos falecem forças para pedir o indulto para tantas faltas. Possa ao menos, Senhor, apadrinhá-lo o nobre amor da pátria que o ditara, e a esperança de que tais exemplares darão ao reinado de V. M. novos Basílio da Gama e Santa Rita Durão! E certamente, Senhor, não faltarão Virgílios, porque Augusto existe.



ABSTRACT

Francisco de Paula Meneses (1811-1857), medicine doctor and professor of rhetoric and poetics at Colégio Pedro II, was a pioneer in teaching Brazilian literature, in the decades of 1840 and 1850. The discourses now reproduced were pronounced in the time of the solemnities of bachelors' graduation in 1848 and 1853. In the former, he supports romantic conceptions that were then considered the order of the day, mainly literature institutional character and its constitutive link to national societies, intending to generally demonstrate “the influence of letters over the moral and social state of a people”. In the latter, he undertakes the defence of what he calls “historic method” – preferable to the “dogmatic” one – in the teaching of modern literatures in general and in ours in particular. This fact allows him to make critical and historiographic considerations about Brazilian writers of the colonial period, stressing Cláudio Manuel da Costa, Basílio da Gama and Santa Rita Durão.

KEY-WORDS

Brazilian Literature History, Brazilian Literature Teaching, Francisco de Paula Meneses.